

Brasília, cidade aberta

JOAQUIM RORIZ

A capital da República cresceu, ultrapassou todas as projeções de seus criadores e construtores, mas mantém



intacta a mística de ter nascido de um sonho, de ter sido implantada por um ideal, de ter consolidado a espetacular capacidade de realização e superação do povo brasileiro. Brasília continua permitindo que todo cidadão, do mais humilde ao abastado, alimente seus sonhos pessoais de crescer, sua necessidade de buscar novos desafios. Afinal, quase todos aqui vieram em busca de uma melhor condição de vida e aqueles que aqui venceram sabem que isso só foi possível porque a cidade sempre esteve de braços abertos.

E esta cidade, que há 38 anos inaugurou uma romaria de esperança, continua a estender a mão a outros brasileiros que têm o mesmo sonho, o mesmo ideal, o mesmo desejo de vencer de quem vem participando dessa história há quase quatro décadas. Brasília representa, ainda, essa vontade de se fazer um País diferente, bom e com plena justiça social.

A civilização sonhada por Dom Bosco, idealizada e concebida por Juscelino Kubitschek e tornada realidade por gênios da criação e candangos simples não se pode negar, não deve se omitir, a continuar alimentando essa capacidade do brasileiro em sempre ter esperança. Mas a Brasília que veio da visão, construída pela obstinação, pede uma releitura de seus rumos para manter a

cidade como cidade aberta.

Perfil administrativo a capital da República sempre terá. É a sede dos Três Poderes, foi criada com esse propósito e a consequência direta é que foi projetada prevendo-se uma única vocação e um crescimento populacional limitado. Em 1970, já tinha o mesmo número de moradores previsto para o ano 2000, algo em torno de 500 mil habitantes. Mesmo diante dessa nova realidade, não se fez uma reavaliação do Distrito Federal, um planejamento adequado aos fatos. O que se vê, hoje, é que a cidade tenta, cada vez mais, diminuir esse perfil burocrático, mas corre contra uma defasagem histórica. É preciso trabalhar nesse sentido, mas não se pode ter a ilusão de que essa é uma diretriz a curto prazo. Esse é um projeto de uma geração inteira.

Assim como o fim das discrepâncias regionais, das absurdas diferenças sociais que fazem existir vários países dentro de um só. Desigualdades que fazem um brasileiro abandonar sua terra em busca de uma oportunidade, de uma esperança de sobrevivência digna. Distorções que tornam a capital da República um desses pólos de atração e que determinam a busca de uma nova vocação.

É necessário buscar, ano a ano, novas receitas para que, gradativamente, Brasília torne-se menos dependente do poder central. Mas é sempre bom lembrar que há pré-requisitos, uma espécie de moldura para isso, determinados pela Constituição, pelo tombamento como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, pela própria população, que quer preservadas as

características originais da cidade. Devemos buscar a receita, precisamos planejar esse novo perfil, mas não podemos trazer indústria pesada e poluente, por exemplo.

Em outra ponta, Brasília pode se tornar um poderoso entreposto comercial, estando no centro do País e cercada que está por ferrovias em fase de interligação, hidrovias que unirão as regiões do Brasil e estradas de rodagem que já permitem o transporte de mercadorias entre o Sul e o Norte. Essa é uma possibilidade concreta.

Em quase três décadas, a capital da República só testemunhou o tombamento pela Unesco e a remoção das favelas que ameaçavam o projeto original, e o consequente programa de assentamento, como medidas efetivas em busca de sua preservação. A mística de Brasília parece estar perpetuada pela população, que a vê como um símbolo, e com particular sabedoria a cidade que cresceu além do projeto e que esteve entregue à própria sorte durante seus primeiros 25 anos, resgatou sua história de capital da esperança ao conceder vida digna a famílias que viviam, há tempos, degredadas socialmente e que, assentadas, permitiram que se recuperasse o cenário de cidade-monumento; agora, falta ao sonho de Dom Bosco, ao ideal de JK, ao suor dos candangos que fizeram subir o concreto, propostas que a encarem, aos 38 anos de existência, como uma metrópole definitiva.

■ **Joaquim Roriz** é ex-governador do Distrito Federal